



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Acre**

Ministério da Agricultura e do Abastecimento

BR-364, km 14 (Rio Branco/Porto Velho), Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco-AC
Telefones: (068) 224-3931, 224-3932, 224-3933 Fax: (068) 224-4035

INSTRUÇÕES TÉCNICAS

Nº 27, mar/2000, p.1-2



COMO COMBATER A FEBRE AFTOSA

Francisco Aloísio Cavalcante¹

A importância do controle da doença

A febre aftosa é uma doença que ataca várias espécies animais, porém, a bovina é a mais suscetível. O Brasil destaca-se como um dos cinco países de maior efetivo bovino do mundo, com um rebanho estimado em 155 milhões de cabeças. O prejuízo econômico que a doença causa, quando parte do rebanho é afetada, é incalculável. Apesar da doença já praticamente controlada, as perdas por causa da febre aftosa na Europa e Argentina, em anos anteriores, foram em torno de 400 e 150 milhões de dólares anuais, respectivamente.

É preciso que se formulem estratégias urgentes para erradicar e controlar a doença, visando oferecer um produto para o mercado externo com boa qualidade, principalmente porque o entrave maior na exportação de carne bovina brasileira para o mercado europeu está na falta de controle e erradicação da febre aftosa.

A doença

Considerada uma doença extremamente contagiosa, a febre aftosa pode ocorrer em animais de cascos fendidos, ocasionada por um vírus do gênero *Aphthovirus* cujos sintomas são caracterizados por febre e lesões vesiculares, úlceras na boca, focinho, tetas, área interdigital e faixa coronária.

Incidência

A febre aftosa é endêmica (doença que existe constantemente em um determinado lugar). Ocorre na África, partes da Europa, Ásia e grande parte da América do Sul. O México, nestes últimos anos, foi o país mais invadido pela doença, devido à importação de gado bovino do Brasil e Canadá, sendo que o vírus foi introduzido provavelmente pelas bagagens de imigrantes europeus. Os prejuízos econômicos de maior impacto devem-se à queda de produção, como também ao custo operacional de um programa de erradicação, à interferência da presença de animais domésticos de fazendas e exportação de carne para outros países.

A doença não é do tipo mortal, chegando a 2% o índice de mortalidade entre adultos e em torno de 20% em rebanho jovem. Muitas vezes, os animais são afetados gravemente no período agudo da doença e o período de convalescença torna-se muito prolongado, ocasionando queda de produção de carne e leite.

Às vezes, ocorrem surtos da doença quando ataca bovinos suscetíveis, disseminando-se muito rapidamente, com um índice de mortalidade em torno de 100%.

Etiologia

A doença é causada por um picornavírus do gênero *Aphthovirus*. Foram identificados pelo menos sete tipos imunologicamente distintos, são eles: A; O; C; SAT 1, 2, 3 (isolados na África) e ÁSIA 1 (isolado no Oriente Médio). Dentre estes sete tipos, identificaram-se pelo menos 60 subtipos. A vacinação contra um subtipo pode não proteger contra outro. O vírus é resistente a influências externas, incluindo desinfetantes comuns, e às práticas usuais de armazenamento de carne.

Transmissão

A transmissão ocorre por meio da ingestão de alimentos que contêm o vírus. Entretanto, a doença pode ser transmitida pelo vento em um raio de 60 km. A força e a direção dos ventos e a quantidade e duração da chuva afetam a disseminação, que atinge um máximo ao amanhecer e ao anoitecer. O vírus aparece no sangue e leite após a infecção, podendo até sobreviver à pasteurização e, na saliva, antes do aparecimento das vesículas. Além dos animais ativamente infectados, são fontes também de infecção, calçados, camas, equipamentos, leite, mãos de seres humanos e rações.

Hospedeiros

¹ Méd. Vet., M.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco-AC.

São hospedeiros naturais: bovinos, ovinos, caprinos, suínos, búfalos, bisões, cervos, alces, antílopes, ursos, lhamas, camelos, girafas, elefantes e ratos. Dentre estes, os bovinos são os mais sensíveis. O cavalo é resistente à doença. Em raros casos os seres humanos são acometidos pela afecção.

Sintomas

O animal apresenta febre inicial de 40°C a 41°C, anorexia, estomatite dolorosa aguda, salivação excessiva, tremores ocasionais, “estalos” labiais, corrimento nasal, pêlo sem brilho, abortos e claudicação. Após 48 horas, as vesículas (bolhas) de 0,5 a 10 cm de diâmetro se rompem e a mucosa se esfacela formando uma grande erosão. Estas lesões impedem o animal de se alimentar ou se movimentar.

A doença apresenta uma forma maligna, na qual ocorre uma insuficiência aguda do miocárdio, fazendo com que o animal por qualquer esforço manifeste dispnéia, ou seja, bastante cansaço.

Tratamento

Em lugares onde a febre aftosa é endêmica, consideram-se: quarentena, erradicação local, tipagem viral e revacinação do gado em contato e sob risco, com o apropriado subtipo viral. O tratamento auxiliar é importante, pois a aplicação de antibióticos sistêmicos limitará a possibilidade do aparecimento de mastite e pneumonia bacteriana secundária.

O processo de desinfecção de instalações e equipamentos deve ser efetuado com hidróxido de sódio ou formalina a 1% ou 2%, ou com uma solução de carbonato de cálcio a 4%. Quando todas as fontes possíveis de infecção estiverem destruídas, a fazenda deve ser mantida em inatividade pelo menos por seis meses e sua reativação permitida somente quando os animais “sentinelas” forem introduzidos e não se tornarem infectados.

A vacinação

Em regiões endêmicas, a vacinação e a quarentena constituem a base para se prevenir e controlar a doença. Com relação aos países livres de febre aftosa, o método de escolha é a identificação rápida do surto, quarentena e abate de todo o rebanho afetado e exposto.

Recomenda-se vacinar o rebanho duas a três vezes ao ano, pois a vacina induz uma imunidade de curta duração. Bezerros (as) que se amamentam de vacas imunizadas estarão parcialmente tendo proteção pela transferência passiva de anticorpos por até 5 meses. A dose da vacina é de 5 ml tanto para animais adultos como novos e deve ser conservada e aplicada em temperatura de 2°C a 6°C, sob a proteção solar. As vias de aplicação da vacina são: intramuscular (nádega ou garupa) ou subcutânea (paleta ou pescoço); nunca se deve aplicá-la na região do cupim do animal (Fig.1).

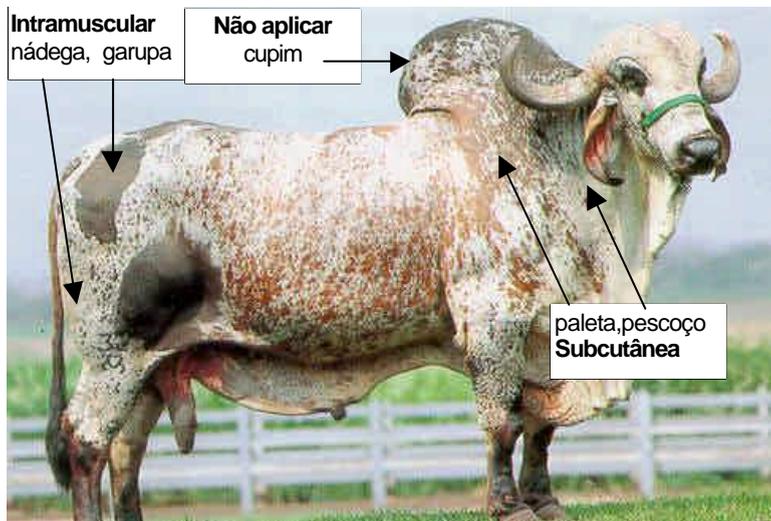


FIG. 1. Vias de aplicação da vacina contra febre aftosa.

Embrapa

Acre

**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil